

Iniciativas evangélicas de educação popular: reflexões sobre a Escola do Torne (Vila Nova de Gaia) *

*JOSÉ ANTÓNIO AFONSO**
Universidade do Minho*

Resumen

La cuestión educativa se ha configurado en Portugal, en la transición del siglo XIX al XX, como dimensión fundamental de la modernización. Siendo conocidas las resistencias estructurales y las características antropológicas de los contextos donde los procesos de industrialización fueron más rápidos, se podrá comprender cómo los movimientos sociales emergentes tenían presente la crucial problemática de la alfabetización y escolarización de las clases populares. Considerando el movimiento evangélico como proyecto social de transformación, el autor procura describir, en el ámbito de la iniciativa impulsada por Diogo Cassels, las raíces y los trazos identificativos que la «Escuela de Torne» sugiere, en cuanto paradigmática de una propuesta de innovación institucional y cambio social, en el cuadro de una alternativa religiosa y ética.

Palabras clave: educación, protestantismo, Porto, Vila Nova de Gaia.

Résumé

La question de l'éducation nationale est devenue au Portugal, à la transition du XIX^{ème} au XX^{ème} siècle, une dimension fondamentale de la modernisation. Celui qui est au courant des oppositions structurelles et des caractéristiques anthropologiques des classes sociales où l'industrialisation s'est développée le plus rapidement,

* Fecha de recepción: 30-enero-2001.

** Rua Elias Garcia, 95, 1^º dto, 4430 Vila Nova de Gaia (Portugal). Tel. 351-223798269.

comprendera aisément la grande importance que les mouvements sociaux naissants ont attaché à ce problème primordial de l'alphabétisation et de la scolarisation des classes ouvrières. L'auteur, considérant le courant évangélique comme un projet de transformer la société, essaie de décrire, pour ce qui est de l'initiative stimulée par Diogo Cassels, les racines et les traits caractéristiques que montre la «Escola do Torne». L'auteur estime que cette école a servi de modèle pour un projet d'innovation des institutions et de changement social, dans le cadre d'une alternative éthique et religieuse.

Mots clés: Protestantisme, éducation, Porto, Vila Nova de Gaia.

1

A partir de 1830 uma geografia simbólica começa a ganhar contornos em Portugal; um conjunto diversificado de grupos protestantes, com várias origens missionárias implanta-se nas principais cidades irradiando a partir delas novas potencialidades de configuração de práticas religiosas e sociais alternativas, onde escolarização e evangelização convergiram como possibilidade de ultrapassar os limites com que o catolicismo lidava com a industrialização.

O *Réveil* incorporou uma ténue tradição contestatária do absolutismo e uma panóplia de discursos –presbiterianos (1838), metodistas (1871), darbistas (1877), episcopalistas (1839), congregacionalistas (1880) e baptistas (1880)– que se materializou em inúmeros centros que, com redes de cumplicidade, correspondiam a um intenso trabalho social com anuência dos poderes locais – o que contrastava com a intolerância que, no campo religioso, alguns sectores tentaram fomentar, criando, inclusive, repostas onde a laicização era aposta forte, quer como capaz de, no domínio teológico, demonstrar os truismos dos reformistas quer, no plano social, ultrapassar o pietismo filantrópico fomentando discursos modernos¹.

No entanto, os protestantes nunca se coibiram de criticar as correntes ultramontanas (e, também, as materialistas) como resistência ao progresso cujos reflexos óbvios se poderiam procurar na incapacidade em alfabetizar a população e, por extensão, escolarizar as classes populares².

1 Para a boa «amizade» das autoridades locais para com o trabalho dos protestantes ver FLOWER, F.W.: «The Portuguese Republic and the Lusitanian Church», en *Light and Truth*, 1 (1912), pp. 40-41; sobre o novo impulso do catolicismo cf. NETO, V.: *O Estado, a Igreja e a sociedade em Portugal (1832-1911)*, Lisboa, INCM, 1998. – Contudo a emergência das associações católicas é balizada pelo objectivo de «tractarem dos meios mais convenientes para appôr a doutrina catholica aos erros e ignorância em matéria de religião e à propagação do protestantismo», como ficou patente em 1870 aquando da reunião para constituir a Associação Católica do Porto e com reflexos no seu periódico *A Palavra*, cujas três principais temáticas editoriais em 1872 foram: infalibilidade do Papa / Concílio Vaticano I / Questão Romana – 22%; catolicismo face ao liberalismo – 16%, e propaganda protestante – 11%; para estes aspectos consultar GONÇALVES, E.C. Cordeiro: *A Associação Católica do Porto há 125 anos. Contributo para a sua história*, Porto, A Associação Católica do Porto, 1997, especialmente pp. 11, 15, 31.

2 MOREIRA, E.: *The significance of Portugal. A survey of evangelical progress*, London, World Dominion Press, 1933. – Ver ainda, PULVERTAFT, T.J.: *Report of visitation tour to the Reformed Churches of Spain and*

Em 1933 Eduardo Moreira, fazendo um balanço dos cerca de 93 anos de penetração evangélica, refere que existiam 24 igrejas e missões que tinham 153 centros – o que correspondeu à abertura de 1 centro de 7 em 7 meses – com 3.316 comungantes (que com as famílias poderia chegar aos 10.000); cerca de 5.000 indivíduos eram contribuintes dessas igrejas que possuíam propriedades no valor de 4.894 contos e cujas escolas dominicais mobilizavam 4.749 crianças; as escolas eram frequentadas por 1.424 crianças³.

Refere Eduardo Moreira que a taxa de analfabetismo entre os membros das comunidades evangélicas rondava os 20%, o que poderia ser entendido como sinal de que o projecto protestante era incontornavelmente uma forma de ultrapassar a crónica inoperância com que os poderes político e religioso encaravam a mudança e a transformação das relações sociais. Enfatiza, contudo, duas questões: uma que refere que, apesar da relativa quantidade de igrejas, nenhuma delas foi capaz de corporizar um movimento que influenciasse grandemente a comunidade – ressalva contudo o papel significativo das conversões individuais, e neste aspecto recorda que no censo de 1900, 99,8% da população era católica, e que no censo de 1911 já 4.491 se declararam protestantes; a outra circunscreve-se à pouca educação que os trabalhadores evangélicos evidenciam pelo que num programa que desenha (para que a fragmentação evangélica recupere o sentido de unidade nas questões fundamentais de dinâmica moral e social que imprimiu) sugere no ponto *j* que o método de António Feliciano de Castilho seja adoptado nas escolas dominicais⁴.

No essencial poder-se-á sintetizar que o protestantismo ganhou contornos no momento (e nos espaços) que estavam prestes a eclodir e que através da leitura da Bíblia se podem encontrar as raízes de uma vida edificante, da instrução e da higiene como formas razoáveis de pensar o progresso.

2

Em 8 de Março de 1880 é constituída a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, «formada por ex-padres católicos, imbuídos de ideais liberais, influenciados pelo protestantismo, mas, acima de tudo, desejosos de uma reforma na sua própria igreja»⁵. A Igreja Lusitana em termos genéricos é uma consequência do Vaticano I e incorpora uma forte componente velho-católica, episcopalista e presbiteriana, e sofre influência do anglicanismo.

Portugal, Dublin, Charles W. Gibbes, Printer, 1897, pp. 22–29 e 35–40, e *Almanach das famílias christãs protestantes para 1901*, Lisboa, Typ. de Ferreira de Medeiros, 1900, pp. 75 sq.

3 *Idem*, p. 59.

4 *Idem*, pp. 33-34, 42, 54-55.

5 CABRAL, J. dos Santos de: *A Igreja Lusitana, Reforma Católica em Portugal?*, Porto, s.d., p. 83; ver também, CASSELS, D.: «The Lusitanian Church – catholic, apostolic, evangelical» em *The Anglican Church Magazine*, 42 (1909), pp. 155-161.

Em 1880 a congregação da Capela do Torne une-se à Igreja Lusitana, abandonando a Sociedade Missionária Wesleyana. A personagem central desta fusão é Diogo Cassels, mas o que ainda vincará cardinalmente a sua acção será, por um lado, o ter mantido a Igreja Lusitana num movimento de reforma e, por outro lado, atendendo à sua formação liberal, a preocupação com a educação, o analfabetismo e a modificação das condições de vida das classes populares⁶.

Passados quatro anos, precisamente no dia 9 de Outubro de 1884, António da Costa Lobo implicitamente consagra e legitima a acção desenvolvida por Diogo Cassels no âmbito escolar: «(...) o illustre e zeloso inspector da circumscrição do ensino primário do Porto, o Sr. António Simões Lopes, apresentava à conferência pedagógica um cidadão benemérito, que era entusiasticamente aclamado pela assemblea. Que motivos se levantavam para tal entusiasmo? Diogo Cassels, esse benemerito, sustenta no lugar do Torne, freguesia de Vila Nova de Gaya, uma escola para cada sexo, um curso nocturno para adultos e uma escola infantil. Mais: elle e a esposa acompanham os exercícios escolares, dirigem e auxiliam o pessoal docente, visitam as escolas publicas, conferem premios aos estudantes e ministram gratuitamente os aviamentos para os trabalhos de labores effectuados pelas alumnas. Seu irmão, o Sr. André Cassels, também fundou e sustenta uma escola para cada sexo, na rua do Candal, da mesma freguesia»⁷.

A trajetória social de Diogo Cassels é exemplificativa do empenho que colocou na evangelização – com uma fina percepção da comunicação que se teria que manter com as crianças: «E não era com pessoas que iam à igreja dele... bem, começava com as crianças que vinham à Igreja e ele depois dizia às crianças para chamarem, convidarem, os pais para virem para isto ou para aquilo ou até para umas festas, e as pessoas começavam a simpatizar e a frequentar a igreja»⁸ – e na constituição de uma escola enquanto, também, centro irradiador: «We have also great reason to praise and magnify the Lord for the success He has vouchsafed to our schools, which we believe to be a most important way of spreading the true faith of the Church and bringing both children and parents to hear the Gospel.»⁹

6 CASSELS, D.: «Church life in Gaia (Oporto) – popular sympathy with reform work», em *Light & Truth*, 1 (1902), pp. 19-21, e «Progress and public goodwill – harvest thanksgiving services in Gaia», em *Light & Truth*, 1 (1903), pp. 18-21.

7 LOBO, A. da Costa: *Auroras da instrução popular pela iniciativa particular*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2ª ed., 1885, p. 443.

8 Arquivo histórico da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica. – Paróquia de São João Evangelista. Entrevista a Rosa Pinto de Sousa, realizada em 18 de Maio de 1980 pelo Prof. Doutor José Manuel Pina Cabral. Rosa Pinto de Sousa foi aluna e professora na Escola do Torne. Matriculou-se em 1896, com 6 anos. Era natural de Vilar do Paraíso (V. N. de Gaia) e oriunda de uma família de lavradores onde predominavam católico-romanos e pertencentes ao Evangelho. Acompanhou sempre a actividade e o trajecto de Diogo Cassels.

9 CASSELS, D.: «Progress and public goodwill...», *art. cit.*, p. 21.

Diogo Cassels mantinha contudo posições intransigentes de denúncia e se a sua prática (acção) demonstra essa disposição, o púlpito era o verbo: «Do púlpito mesmo excitava-se e dizia o que lhe tinham feito, que lhe entravam as coisas que queria fazer e as injustiças que lhe faziam. Enervava-se muito. (...) Quando sabiam que ele tinha vontade de fazer isto ou aquilo, eles só se não pudessem entravam aquilo que ele queria fazer. [Eles] os que estavam a mandar nesse tempo e não deixavam fazer as coisas que queria. Foi condenado porque, claro, diziam que ele fazia... então imagine, chegaram a dizer... ele morou naquela casa em São Cristovão, ainda hoje se chama a casa do inglês... ele fazia lá uns estudos bíblicos e muita gente ia até lá e eles chegavam a dizer que ele fazia a comunhão e em vez da hostia dava uma rodela de nabo. Diziam muitas coisas, muitas parvoíces, muitas coisas sem jeito... e claro... muitas perseguições religiosas, muitas mesmo».¹⁰ Mesmo solidário e generoso – «Ele abdicou de tudo quanto tinha para se entregar à igreja e ao ensino. Ele tinha uma fábrica, um escritório no Porto...»¹¹ – Diogo Cassels manteve-se sempre atento às lógicas dos interesses, o que lhe possibilitou enraizar a escola na textura social e compreender as racionalidades que convergiram na construção/consolidação de uma oferta educativa, e, ainda, a configuração dos modos de estruturar a ética e a cultura no âmbito de um pragmatismo cristão.

O falecimento de Diogo Cassels pode, então, ser convocado como um óptimo analisador da rede que se foi construindo. A professora Rosa recorda o momento intensamente e capta dramaticamente as tensões que incorporaram o afastamento: «Estávamos na escola e apareceu, não sei se foi o Sr. Herbert... sei que veio uma pessoa dizer que o Sr. Diogo tinha falecido repentinamente; e depois foram à escola grande, e depois veio a D. Gracinda muito aflita e disse ela assim: «Olhem que o Sr. Diogo morreu.» Foi uma sexta-feira [7 de Novembro de 1923]... ele tinha dado a lição que costumava dar para a escola dominical, e depois saiu e desceu as escadas... e eu fui à grade... eu e a Amélia fomos à grade e ele ia assim muito ligeiro, de sobretudo e com a bengalita, muito ligeiro... e eu disse assim, a gente às vezes dizia: «Olha o patrão...», «Olha o patrão que vem aí» ou..., entre nós era assim e eu digo assim: «Olha o patrão como hoje vai tão ligeiro» e diz a Amélia: «Hoje nem parece que está – ele já andava assim meio amarelito – doente». Ele ia para o Banco Inglês [London & Brazilian Bank, Limited] para receber um donativo que lhe tinham dado para a escola, e quando foi para receber o donativo caiu. Foi fulminante. Depois claro foi um levantamento muito grande. Levantou-se Vila Nova toda quando se soube que o Sr. Diogo morreu. (...) [O funeral] foi importante. O comércio fechou todo. Fechou tudo. Foi uma coisa importante. (...) A avenida estava toda tomada de pessoas. O funeral não foi direito daqui para a avenida, para o cemitério... foi daqui, foi para a Rua Álvares Cabral, subiu para a Bandeira, foi até lá acima, a Soares dos Reis, veio pela Rua D. Pedro V e depois é que foi para o cemitério. O cemitério todo fechado.

10 Prof.^a Rosa Pinto de Sousa.

11 *Idem.*

Tudo fechou. Muita gente... e assistiu-se a muitas cenas de lágrimas pelo caminho... muitas cenas.»¹²

Em 1922 havia em Vila Nova de Gaia 501 comungantes, para 206 em 1915 e 54 em 1880, e do cômputo que Eduardo Moreira avançou, 20% dos 4.894 contos de propriedades evangélicas pertenciam à Igreja Lusitana e 862 crianças estavam inscritas nas escolas pertencentes à Igreja num total de 1.424, das quais uma parte significativa eram de Vila Nova de Gaia. O protagonismo de Diogo Cassels é, em particular no contexto gaiense, inegável e a sua acção engravou-se na matriz, em que se combinaram quatro dimensões – comunitária, cultural, ética e social –, necessária ao trabalho simbólico de constituição de um projecto que implica a congregação dos agentes que têm incorporadas disposições próximas das posições e que objectivamente se revejam e reconhecem num mesmo interesse objectivo.

3

A oferta da Escola do Torne ganha contornos mais nítidos quando inserida no contexto onde se constitui e desenvolve, e aqui podem-se realçar os aspectos que se conectam com os seguintes indicadores: população analfabeta; população feminina e menor de 20 anos que trabalham na agricultura, na indústria e no comércio; composição da população operária e estrutura produtiva; periódicos editados e oferta escolar.

De acordo com os censos, as profissões repartiam-se do seguinte modo:¹³

12 *Idem.* – O testemunho do Rev. Pulvertaft pode ser interessante, porque captado cerca de 26 anos antes: «The Ver. James Cassels, who has been in charge of the congregation since its foundation, has built up a work whose organization and extent would rival that of any home town parish. With untiring energy and absolute self-sacrifice, he personally supervises every branch of usefulness, and on Sundays he conducts three services and two Bible classes, and superintends the Sunday school. The day begins at 9 a.m. and ends at 7.30 p.m., and all classes, from the day-labourer to the professional man, are reached by services. (...) The schools of Villa Nova de Gaia are among the best in the Peninsula; the children obtain the highest prizes at public examinations, and their knowledge of scriptural and secular subjects compares more than favourably with children of the same class in our Irish schools. There are always more children seeking admission than the buildings can accommodate; and through the schools Mr. Cassels has obtained considerable influence over the families of the children. In all the work Mr. Cassels is heartily supported and assisted by his accomplished wife and daughter, whose devotion and consecration it would be an impertinence for a visitor to describe» (*op. cit.*, pp. 22–23).

13 *Censos* de 1864, 1878, 1890, 1900, 1911 e 1920 editados pela Imprensa Nacional.

QUADRO I
PROFISSÕES EM VILA NOVA DE GAIA

Profissões	1890	1900	1911
Trabalhadores agrícolas	21.459	24.312	24.480
Pesca e caça	440	985	1.320
Extracção de materiais minerais da superfície do solo	56	77	26
Indústria	27.480	34.176	41.009
Transporte	2.951	4.542	3.824
Comércio	4.797	6.197	8.234
Força pública	520	346	411
Administração pública	411	538	579
Profissões liberais	709	861	1.126
Pessoas vivendo exclusivamente dos seus rendimentos	956	270	1.927
Trabalhos domésticos	2.384	712	388
Improdutivos. Profissões desconhecidas	2.830	778	1.873

As taxas de feminização para 1890 rondavam os 21,2%; em 1900 eram de 15% e em 1911 de 14%.

Os «menores de 20 anos» que trabalhavam rondavam os 14% em 1890, em 1900 a percentagem era de 12% e para 1911 era de 11,7%.

A repartição por sectores, para os anos considerados, era a seguinte:

QUADRO II
REPARTIÇÃO POR SECTORES (%)

Sectores	1890		1900		1911	
	População Feminina	Menores 20 anos	População Feminina	Menores 20 anos	População Feminina	Menores 20 anos
Agricultura	43	21	34	20	33	22
Indústria	29	28	31	29	32	29
Comércio	43	16	48	16	27	19

Em 1881, cerca de 1/8 dos gaienses vivia da Indústria, enquanto que a proporção era de 1/3 no Porto e 1/5 no Distrito, as profissões significativamente representativas eram os tanoeiros (24,2%); construção civil (18,7%); pescadores (15,9%); ferreiros e serralheiros (9,7%); cerâmicos (9,4%); moleiros e padeiros (7,5%); com 14,6% encontrava-se um conjunto diversificado de profissões sem peso relevante¹⁴.

Do confronto de dados fornecidos pelos censos com os dos Cadernos¹⁵ poder-se-á inferir que as freguesias de Santa Marinha e de Mafamude, que correspondem ao grande espaço de influência da comunidade evangélica, cresceram de forma nítida:

QUADRO III
FREGUESIA DE SANTA MARINHA

População	1864	1878	1890	1900	1911	1920
<i>Masculina</i>						
Total	3.673	4.048	5.888	7.313	7.720	7.863
Analfabeta	-	2.461	3.785	4.456	4.273	4.328
<i>Feminina</i>						
Total	3.842	4.628	6.218	7.368	8.783	8.460
Analfabeta	-	3.621	4.991	5.607	6.440	5.998
<i>Fogos</i>						
Total	1.750	2.102	2.734	3.235	3.798	3.829

14 GUIMARÃES, Gonçalves: *Memória histórica dos antigos comerciantes e industriais de Vila Nova de Gaia*, Vila Nova de Gaia, Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Gaia, 1997, p. 102; ver para a questão do trabalho infantil e feminino, pp. 107-108, e para as condições de vida, p. 109.

15 COSTA, F. Barbosa da: «Demografia e sociedade gaiense nos finais do século XIX: contributo para uma história das mentalidades», em SILVA, A.M., e DIAS, J.A. (coord.): *Vila Nova de Gaia de há cem anos. Colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne (1894-1994): Actas*, Vila Nova de Gaia, Junta Paroquial de S. João Evangelista, 1995, pp. 281-306.

QUADRO IV
FREGUESIA DE MAFAMUDE

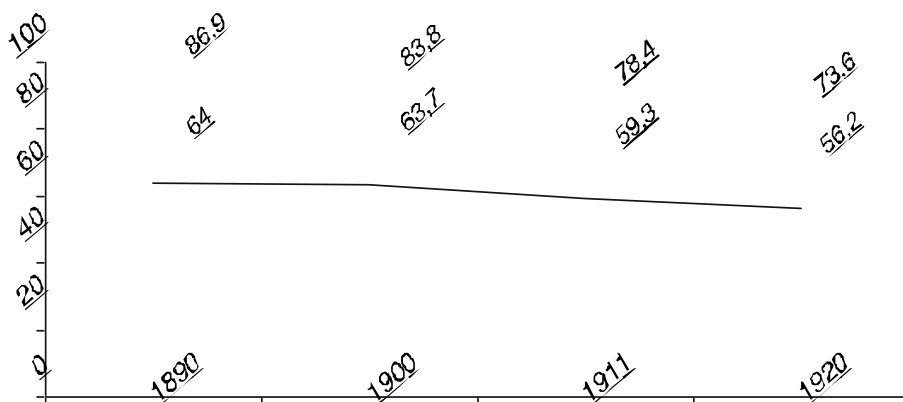
População	1864	1878	1890	1900	1911	1920
<i>Masculina</i>						
Total	1.607	1.711	2.169	2.612	3.246	3.117
Analfabeta	-	1.142	1.423	1.475	1.692	1.392
<i>Feminina</i>						
Total	1.825	1.969	2.317	2.772	3.496	3.509
Analfabeta	-	1.608	1.817	2.023	2.365	2.679
<i>Fogos</i>						
Total	637	833	1.035	1.142	1.146	1.449

Os valores do analfabetismo nestas duas freguesias são elevados e mostram que a fragilidade estrutural de Portugal se reparte com maior intensidade nos espaços em regime de transição industrial, afectando de maneira incisa as populações femininas e jovens.

QUADRO V
ANALFABETISMO MASCULINO E FEMININO EM VILA NOVA DE GAIA
(EM RELAÇÃO AO TOTAL DA POPULAÇÃO DE FACTO) – %

População	1878	1890	1900	1911	1920
Masculina	30,3	30	29,7	27,5	26,2
Feminina	49,6	45	44,6	41,9	39,2
Total	79,9	75	74,3	69,4	65,4
Distrito do Porto	76,1	71,9	70,6	67,1	62,5

GRÁFICO I
ANALFABETISMO EM VILA NOVA DE GAIA
(EM RELAÇÃO AO GRUPO DOS HOMENS E MULHERES) – %



Homens
Mulheres

Apesar dos indicadores apresentados acompanharem as tendências do país e iniciarem, ainda, que a industrialização arrasta consigo consequências imprevisíveis, sendo uma delas o retardamento da idade de matrícula na escola: o *enrollment ratio*, ou seja a percentagem de crianças em idade escolar e as que efectivamente a frequentam, que entre 1870 e 1875 é de 13,4%¹⁶.

Este aspecto é crucial porque representa o ponto capital das estratégias de difusão da educação: captar os potenciais utilizadores da escola nas franjas populacionais afectadas pela industrialização, apesar destas terem montado as suas estratégias de resistência, pelo menos perante a oferta do ensino estatal. Estas estratégias são diferentes em função dos contextos sociais onde se tecem; como exemplo pode-se referir que no ano lectivo de 1899-1900 as 6.074 escolas existentes eram frequentadas por 231.239 alunos, no entanto 1.579 escolas pertenciam ao ensino privado, a percentagem dos alunos que frequentavam o ensino estatal era de 78%, sendo portanto de 22% os que frequentavam o ensino privado. Na cidade do Porto, no entanto, a relação inverte-se, verificando-se que 30% dos alunos estão matriculados nas escolas estatais e 70% em escolas privadas.

¹⁶ CANDEIAS, A.: *Educar de outra forma. Escola Oficina nº 1 de Lisboa, 1905-1930*, Porto, FPCE, 1992, 2 vols. (dissertação de doutoramento), pp. 93 sq.

Além deste aspecto um outro é de sublinhar: o número de raparigas inscritas nas escolas privadas é cerca de 3 vezes superior aos dos rapazes (2.839 rapazes para 6.403 raparigas num total de 154 escolas), corroborando a tendência que as escolas privadas configuraram para incorporarem um número maior de mulheres do que homens (24.519 rapazes e 27.000 raparigas são os valores globais para o ano lectivo de 1899-1900, no que se refere às escolas privadas)¹⁷. Esta ilustração mostra, também, que ao nível da cidade de Lisboa a situação é a inversa da do Porto, particularmente no que se refere às raparigas¹⁸. Levanta-se assim a questão de conhecer quais os factores que induziram o público urbano do Porto a assimilar a escola.

Retornando às freguesias em questão de Vila Nova de Gaia, poder-se-á ainda completar as informações com a verificação de que a densidade e diversidade associativa são extremamente elevadas quando comparadas com as outras freguesias que formam o concelho¹⁹; mas é também nestas freguesias que se concentra o maior número de periódicos editados, entre 1873 e 1936: Santa Marinha com 43,3% e Mafamude com 20%; estes valores encontravam-se bastante distanciados do 3º (7,7%) que se verifica para Pedroso e Oliveira do Douro – note-se que esta freguesia é o outro núcleo forte da penetração evangélica²⁰. Estes valores completam-se com a densidade industrial, que em 1897 mostrava a seguinte geografia: 68,8% das empresas (sem contar com as empresas vinícolas) estavam sediadas em Santa Marinha; 14,4% em Mafamude; 9,6% em Avintes; 3,2% em Oliveira do Douro; 2% em Pedroso, e 1% em Vilar de Andorinho, Grijó e Crestuma²¹.

Completando o inventário refira-se que, em 1875, a oferta educativa era composta por 38 escolas privadas e 15 estatais – o que correspondia a 1 escola para 3.629 habitantes. Na freguesia de Santa Marinha havia 16 escolas privadas e duas estatais e em Mafamude 6 escolas privadas para 2 escolas masculinas estatais. No geral o panorama configurava 13 freguesias com escola do Estado; 6 freguesias com 1 ou mais escolas privadas e 3 freguesias sem qualquer tipo de escola²². Os edifícios das escolas pertenciam a professores – 5 –; alugados a particulares – 30 –; 1 cedido pela Junta de Paróquia (Gulpilhares) e 2 eram da Igreja Evangélica Portuguesa.

17 *Idem, ibidem.*

18 *Idem*, pp. 104-105.

19 Esta informação tem por base o número de associações, cooperativas e sindicatos inscritos no *Almanak do Porto e seu distrito para 1890*, Porto, Livraria Archivo Jurídico, 1889; *idem* para 1900, e *Anuario do Commercio do Porto para a cidade do Porto, Gaya e demais concelhos do Distrito*, Porto, Manoel Pinto de Sousa Lello, 1910.

20 LACERDA, S.: «Apontamentos para a história da imprensa e das publicações periódicas no concelho de Vila Nova de Gaia», em: *Gaya* 2 (1984), pp. 509-552.

21 GUIMARÃES, Gonçalves: *op. cit.*, p. 137.

22 CORRÊA, F.C. Gatapez: «Ensino primário privado no distrito do Porto em 1875. Dois exemplos: Vila Nova de Gaia e Baião», em: *Ciências da Educação em Portugal. Situação actual e perspectivas*, Porto, SPCE, 1991, pp. 653-673.

As condições higiénicas eram muito diversificadas e apenas uma escola tinha mobiliário suficiente; a capacidade literária dos professores era medíocre: 69,8% dos 43 inquiridos não tinha preparação científica, o que tinha reflexos nos conhecimentos dos alunos, que eram sofríveis e medíocres nos alunos do ensino privado²³ e em apenas 7 escolas privadas se ministrava um ensino equivalente ao estatal.

Os modos de ensino passavam essencialmente pelo individual (29 professores), pelo misto (8 professores) e em 4 casos pela associação individual/misto; os métodos assentavam na soletração para a leitura, na prática para a aritmética e na imitação por cópia para a escrita. Em termos de disciplina eram usadas a palmatória e a cana e os castigos morais eram frequentes; só 5 professores não aplicavam castigos.

Neste quadro emerge a Escola do Torne, que contava com 2 professores: «a professora Rosa da Conceição e o professor Eduardo José Moreira, do lugar do Torne, freguesia de Mafamude, ao serviço da Igreja Metodista Portuguesa, recebiam respectivamente 4\$800 réis por mês e 400 réis por dia, pagos pelo Sr. Diogo Cassels» que usavam como manuais a *Bíblia Sagrada* traduzida pelo P.^o António Pereira de Figueiredo, o *Livro de oração da Igreja Evangélica Portuguesa*, o *Catecismo dos metodistas* e o *Livro de orações da família*²⁴. O tipo de ensino era o misto e os melhores alunos eram recompensados – note-se que só em 8 casos (18,6%) é que a prática de premiar era corrente – com livros e a revista *Amigo da Infância* distribuídos no fim do ano e «ofertas do Sr. Diogo Cassels»²⁵.

Apesar de ser pouco significativa em termos estatísticos, a Escola do Torne representa uma forte aposta porque está implantada na zona fronteira entre duas freguesias – Santa Marinha e Mafamude – e o desempenho de Diogo Cassels fez dela um espaço *sui generis* ao enraizá-la efectivamente às populações das comunidades locais (o que se reflecte no número de alunas/os) e ao conseguir drenar apoios dos mais importantes empresários e comerciantes de Vila Nova de Gaia.

Esta dinâmica fez com que os poderes religiosos tomassem posição e tal poderá ser ilustrado pela *Representação da Junta de Paróquia de Mafamude*²⁶. Em 21 de Dezembro de 1876 a Junta reúne na casa do Pároco e propõe a criação de uma *escola de meninas* (cadeiras do 1.^o grau para o sexo feminino). Fundamentavam esta pretensão em quatro pontos: (1) avultado número de meninas que não podem estar mais tempo «privadas do pão do espírito»; (2) apesar da distância não ser grande à freguesia de Vila Nova de Gaia, onde há uma escola régia de meninas, e ficar próxima de duas importantes povoações – Laborim de Cima e Laborim de Baixo –, as «importantíssimas» ruas do Padrão e da Raza distam de Vila Nova de Gaia mais de 3 Km, agravados por «maus caminhos», que na «quadra invernosa» se tornam intransitáveis para menores; (3) a freguesia de Vilar do

23 *Idem*, pp. 659-660.

24 *Idem*, pp. 661, 662 e 663.

25 *Idem*, p. 664.

26 Arquivo Distrital do Porto: Governo Civil do Porto, M. 1201 – «Representação da Junta de Paróquia de Mafamude».

Paraíso pode aproveitar também, porque os caminhos são óptimos e porque a rua da Raza pertence à vila; (4) «hade levantar Mafamude do abatimento com que jaz, dotando-a com uma escola de meninas que o bem da religião e da sociedade tanto reclamam.»

Em 15 de Fevereiro de 1877 a Câmara Municipal, presidida por Luis António Pinto de Aguiar, emite parecer positivo enfatizando que, «onde as particulares [escolas] são deficientes a muitos aspectos», se poderá então reconhecer a existência de «uma boa escola primária», que se estabelecerá em local central, Santo Ovídeo. O processo, em 10 de Abril de 1877, merece um parecer do comissário de Estudos Internos, Luis António Pinto de Aguiar, que reforça a sua importância para a causa pública em geral, e o bem dos vizinhos de Mafamude para «educar e instruir a geração nova que alli se vae criando» e faz depender a constituição da escola desde que haja uma boa escolha de professores e com fiscalização oficial para que o serviço «possa ser tão profícuo quanto seja possível»²⁷. No entanto deixa claro o seguinte aspecto: «Não é que no meu espírito actuem certas razões que muito impressionarão a Junta de Parochia, e que mais fortemente a obrigarão, segundo parece, a fazer a petição que se acha no processo: as quaes razões são a existência naquella povoação de Mafamude de uma igreja protestante. Não appellando a existência de propaganda protestante, posto que respeito as convicções que assim se manifestão vivas e energicas; mas nem me assusto, nem appello para os poderes públicos para levantar cathedras defronte das que quaesquer religiões levantarem por ahí.»

Este episódio marca, então, a real importância da Escola do Torne, que pode ainda ser atestada, pelo facto de, em 1908, representar 7,1% da oferta educativa total em Vila Nova de Gaia.

Nesta data existiam 70 estabelecimentos de ensino²⁸, dos quais 65 eram estatais – 26 escolas masculinas, 28 escolas femininas e 11 mistas, e que ministravam 12 cursos nocturnos. As escolas particulares pertenciam a associações (cooperativas, mutualidades, etc.), à Igreja (especialmente os colégios) e eram ainda pertença de pessoas singulares. Vila Nova de Gaia tinha então 1 escola por 1.000 habitantes e o que se poderá evidenciar, entre estas duas datas, é que a oferta escolar aumenta à custa da inversão da razão escolas privadas e estatais.

4

«As aulas que principiam às 8½ da manhã prolongam-se com pequenos intervalos, geralmente até às 10 horas da noite. Muito maior seria a frequência se tivéssemos mais salas e sobretudo maiores recursos, pois estão à espera de logar cerca de 200

27 Em 16 de Setembro de 1877 procede-se a vistoria da casa e mobília oferecidas pela Junta, e segundo o vogal António José da Silva Cunha «apesar de serem magros os recursos» estão de acordo com a lei.

28 Câmara Municipal do Concelho de Vila Nova de Gaia, *Breves apontamentos estatísticos dos Serviços Municipais em 1908*, Gaya, Tip. Francisco Martins Barbosa, 1909.

pretendentes»²⁹. A Escola era frequentada em 1923 por 400 alunos – «continuam as Escolas do Torne e Prado em plena actividade nesta vila, procurando cuidadosamente, com sentimento moral e educativo, ministrar instrução primária e secundária a grande número de crianças de ambos os sexos, e, nas suas aulas nocturnas, a bastantes empregados comerciais e operários» – e tinha um corpo docente formado por 13 professoras e professores.

Recuemos a 1899³⁰. Em 31 de Dezembro realiza-se a tradicional festa de fim de ano que conta com a presença das autoridades municipais e onde são distribuídas 1 medalha de ouro e 21 de prata além de 17 diplomas e grande número de «livros de leitura e de contos históricos»³¹. É lido um ofício de António da Rocha Romariz, que está doente, onde se declara a instituição de dois prémios anuais em memória de seu pai, Manuel da Rocha Romariz: «um de 20\$000 réis para o aluno da Escola do Torne que mais se distinguisse na instrução secundária e outro de 10\$000 para o aluno que mais se distinguisse na instrução primária.»

Desde 1883 a Escola vinha desenvolvendo um trabalho que visava colmatar uma lacuna: a incapacidade da rede pública em construir uma sólida oferta educativa – diz-nos Cassels, em 1902: «The administrative and scholastic authorities have often publicly given their testimony as to the good work done by the school, as the municipal schools don't provide accommodation for the large number of children now in the streets without any education.» Pela regularidade e, também, qualidade do ensino se encarregavam os inspectores que periodicamente visitavam a Escola, como também presidiam às sessões de distribuição de prémios. Aliás, o aspecto da boa relação com os poderes é atestada pelo obrigado, em 1908, a D. Manuel II pelas ofertas pecuniárias e em géneros que fez à Escola.

Mas uma outra constante se destaca: os destinatários eram «many poor children who otherwise would be left in ignorance,» cujos pais «of the great majority are poor and unable to pay their children's education.» Este alerta é lançado em 1911 e pode ser confirmado pela profissão do pai das alunas que entre 1881 e 1904 frequentaram a Escola³².

29 Arquivo histórico da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica – Paróquia de São João Evangelista: Donativos para a Escola do Torne e do Prado, 1899-1929. Este documento é uma espécie de diário onde Cassels anotava o movimento dos alunos das Escolas do Torne e do Prado (que a partir deste momento, no texto, passam a ser designados por *Escola*); apontava ainda aspectos relevantes das dimensões programática e pedagógica tendo como fito a elaboração do Relatório que anualmente fazia e publicamente apresentava nas festas da Escola, bem como o publicava na *Igreja Lusitana*. Parte do documento está redigida em inglês e a outra em português. Mas para além destes aspectos aquele que é mais importante refere-se aos donativos, que Cassels laboriosamente ia levantar, e que se destinavam à Escola. Os donantes assinavam (ou carimbavam) e discriminavam a importância no livro, comprovando, por este modo, a veracidade do acto. Por estes factos o documento representa uma parte significativa do quotidiano da Escola no que se refere às tarefas de gestão.

30 Para o período anterior ver AFONSO, J.A., e LACERDA, S., «Memórias da Escola do Torne» em: SILVA, A.M. e DIAS, J.A. (coord.), *op. cit.*, pp. 169-223.

31 This year 22 scholars received prizes from the editor of the *Amigo da Infância*» (1910).

32 Arquivo histórico da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica – Paróquia de São João Evangelista: Caderno de matrícula, 1882-1904. Este documento só refere as alunas que se inscreveram. Até ao momento não foi possível encontrar fonte análoga para os alunos.

QUADRO VI
PROFISSÃO DO PAI DAS ALUNAS DA ESCOLA DO TORNE (1881-1904)

Profissão	N.º	%	Profissão	N.º	%
Agente	1	0.21	Funcionário Público	13	2.73
Alfaiate	3	0.63	Funileiro	1	0.21
Armador	3	0.63	Guarda Livros	1	0.21
Artísta	1	0.21	Impressor	1	0.21
Barbeiro	5	1.05	Jornaleiro	3	0.63
Barqueiro	6	1.26	Latoeiro	2	0.42
Caixeiro	3	0.63	Lavrador	18	3.77
Caminhos de Ferro	2	0.42	Maquinista	2	0.42
Carpinteiro	23	4.82	Mercieiro	2	0.42
Carregona	1	0.21	Mestre de Obras	2	0.42
Carteiro	7	1.47	Militar	22	4.61
Cerâmico	10	2.10	Negociante	17	3.56
Cesteiro	2	0.42	Operário	10	2.10
Chapeleiro	3	0.63	Padeiro	8	1.68
Charuteiro	2	0.42	Parteira	1	0.21
Cigarreiro	25	5.24	Pedreiro	12	2.52
Cocheiro	4	0.84	Penhorista	3	0.63
Comerciante	4	0.84	Pintor	7	1.47
Condeceiro	1	0.21	Professor	2	0.42
Corretor	1	0.21	Proprietário	4	0.84
Corrieiro	1	0.21	Recebedor	1	0.21
Cortador	4	0.84	Refinador	3	0.63
Costureira	2	0.42	Relojoeiro	1	0.21
Despachante	6	1.26	Sapateiro	13	2.73
Dona de Casa	8	1.68	Serrador	1	0.21
Empregado	24	5.03	Serralheiro	51	10.69
Engatador	1	0.21	Sirgueiro	1	0.21
Escudeiro	2	0.42	Tamanqueiro	3	0.63
Estalajadeiro	1	0.21	Tanoeiro	39	8.18
Fabricante	13	2.73	Tipógrafo	3	0.63
Ferrador	4	0.84	Torrador	1	0.21
Ferreiro	9	1.89	Trabalhador	33	6.92
Fogueiro	4	0.84	Trolha	9	1.89
Formista	1	0.21	TOTAL	477	100.00

Da análise desta listagem também se pode concluir que estas alunas provinham dos espaços ocupados pelas classes populares em termos habitacionais, ou seja pelo surto industrial colocou-se a necessidade destes efectivos drenados para as fábricas residirem perto das mesmas³³. Assim distinguir-se-ão dois períodos: até 1890 a Escola influencia a comunidade circundante³⁴ e, posteriormente, começa a alastrar-se, especialmente, pelos espaços onde a classe operária se instalou – Devesas, Oliveira do Douro, Ruas de Camões, Direita e General Torres, além de Paço de Rei e Calçada da Serra, onde predominavam cigarreiros, serralheiros, tanoeiros, mas também lavradores, e ainda, militares, guarda-fiscais e empregados comerciais; aliás esta segunda fase corresponde à assimilação da escola pelas classes médias, o que poderá estar em correlação com um público modal do culto que tende a ser oriundo de estratos não populares;³⁵ e é, porventura, o peso dos operários que terá levado à abertura de um curso industrial: «A house to be used as an industrial school is already finished and we hope next year [1903] to open this department and trust it may be a means of promoting industry, and helping boys to learn a trade and thus become useful members of society.»

Entre os alunos que frequentavam a Escola 16% a 20% eram adultos e cerca de 16% eram crianças que frequentavam a creche. Os alunos pagavam 20 réis/semana, em 1905, e 2 centavos em 1917: «Os alunos das aulas de Francês, Inglês, Português, Comércio e Calculo pagam menos que em outra escola.» O que pretendiam os promotores era uma «sound moral and secular education» como reiteraram em 1911; em 1917 enfatizavam: «Os alunos das aulas diárias aprendem gymnastica, preliminares de exercício militar e Canto Coral, e são educados nos seus deveres moraes pela leitura da Sagrada Escritura e a história dos homens celebres que nos legaram o seu exemplo para estímulo da nossa vida e desenvolvimento da moral prática. A Doutrina Christã é ensinada pelo director duas vezes cada semana aos alunos, cujos paes desejem que os seus filhos aprendam esta disciplina³⁶.»

33 GUIMARÃES, Gonçalves: *op. cit.*, pp. 102-103: «Com a vizinhança das fábricas, do barulho das suas máquinas e dos fumos das suas chaminés, muitos destes proprietários abandonam as zonas antigas de Gaia e Vila Nova e vão construir os seus palacetes nas novas ruas, como General Torres, Avenida Campos Henriques (antecessora da Avenida da República) ou na Bandeira. As casa devolutas da rua Direita, dos Marinheiros ou da Fervença são então alugadas a famílias de operários, depois de os salões de outrora serem divididos em muitos compartimentos. A construção de ilhas alastra pela Serra do Pilar, Devesas, Calçada da Serra, Bandeira e Marco. Mas também se erguem alguns bairros operários, como o da fábrica das Devesas...»

34 Ver GUIMARÃES, Gonçalves: *Serra do Pilar. Património Cultural da Humanidade*, Vila Nova de Gaia, Fundação Salvador Caetano, 1999, especialmente pp. 29-37.

35 CASSELS, D.: «Progress in Villa Nova da Gaya», in *Light & Truth*, 4 (1903), p. 105.

Num esboço que efectuámos nos *Almanak e Anuario*, referidos na nota 19, detectou-se que alguns dos pais das alunas tinham uma relativa visibilidade social, a título exemplificativo: Eduardo Correia – armador; Vicente José – chefe de estação; Emília Pereira – despachante; António Diogo – ferrador; Frank Jobbling – maquinista (chefe de reservas); Alberto Pereira – negociante; José Alves – padeiro; António Ferreira – penhorista; Manuel Gonçalves – refinador; Júlio Batalha – litógrafo.

36 Em 1880 Diogo Cassels oferece à Escola, de acordo com o que escreveu: «Para ficar na Escola para a História Antiga», um *Atlas illustré, destiné à l'enseignement de la géographie élémentaire*, da autoria de J.C.

Aliás esta tolerância³⁷ está matricialmente ancorada na prática escolar tal como é sublinhado em 1901: «All the scholars read the Holy Scriptures but none are asked to make any religious profession, almost all of them being Roman Catholics» e pontualizada em 1922: «Nestas escolas não se ensina doutrina theologica, mas ensina-se a Moral, a Caridade, o temor de Deus, a obediência, noções da história sagrada e a leitura dos Evangelhos».

Poder-se-á, então, considerar uma outra constante: o espírito laico, fruto da formação liberal deste primeiro escol de protestantes.

Um ano depois da morte de Diogo Cassels escrevia-se: «Este trabalho fundado pelo saudoso e querido Sr. Diogo Cassels, mantem-se pelo generoso auxílio dos seus dedicados Benfeitores. Com eles contamos para proseguir nesta difícil mas abençoada tarefa, plenamente confiados que agora, faltando os recursos de inteligência e financeiros do Sr. Diogo Cassels, todos cooperarão para que estas Escolas prosigam como homenagem ao seu fundador e principalmente pelo grande benefício que prestam ao bem moral e instrutivo da população de Gaia».

Uma lenta e profícua rede foi montada por Diogo Cassels com o intuito de consolidar a *Obra*, como referia Diogo Cassels, em 1919, ao agradecer «muito reconhecido áquelas Firmas e Cavalheiros que o tem auxiliado nesta Obra tam necessaria».

A partir de 1919 entra-se num ciclo de aumento exponencial das despesas da Escola³⁸, o que acarreta, inclusive, «despedir alguns professores e fechar a porta a muitos alunos».

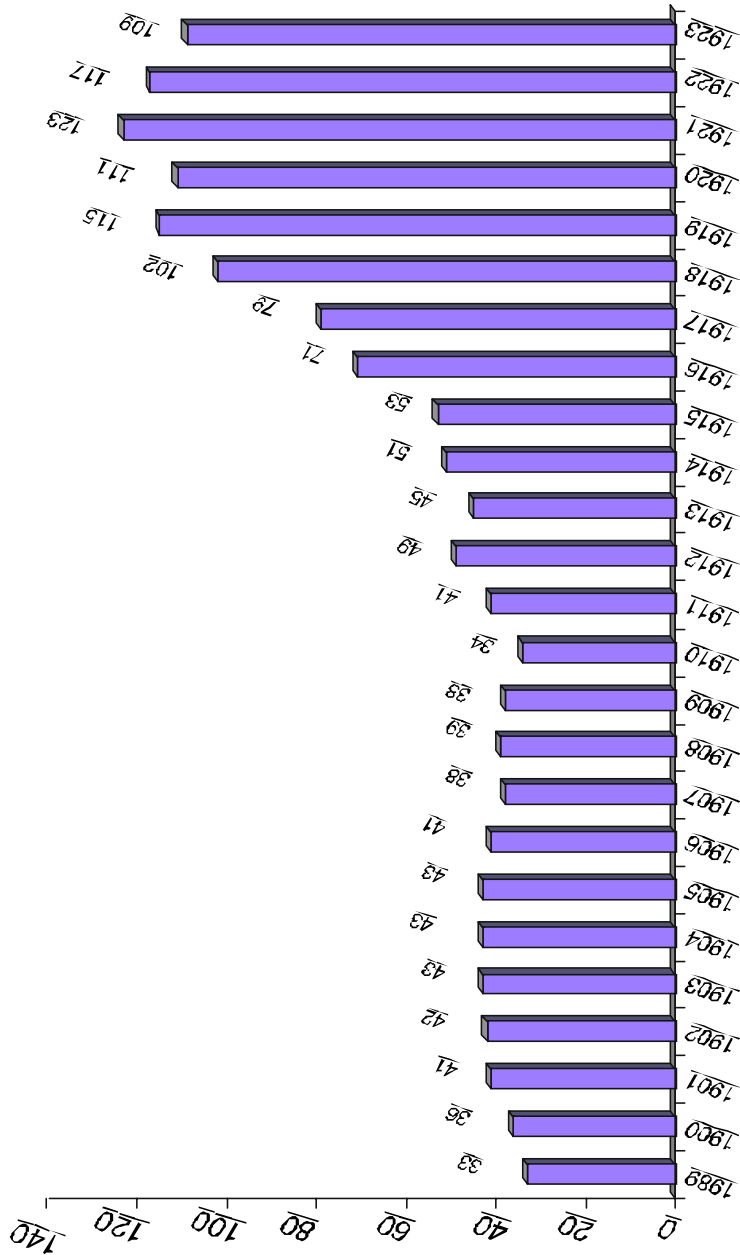
Assim, em 1919: «O sustento destas Escolas (Torre e Prado) antes da guerra era apenas 1.600 escudos por ano. Atualmente por causa da enorme carestia da vida e todos os artigos é o dobro ou *mais que 3.000 escudos*» (sublinado de D.C.), e em 1921: «As despesas das Escolas têm triplicado por causa do enorme aumento no custo de todos os generos e a depreciação da moeda em papel».

Barbié du Bocage, A. Vuillemin, J.B. Charle, V. Levasseur, T. Duvotenay, H. Dufor e F.E. George, editado em Paris pela Ancienne Maison Basset; edição de 1852, revista por F.E. George e, em 1890, o *Atlas de géographie, physique, politique et histoire, adopté par l'Université à l'usage des lycées et des maisons d'éducation pour suivre les cours de géographie et d'histoire*, da autoria de Gosselin-Delamarche, editado em Paris pela Librairie Géographique de Émile Bertaux, nova edição de 1887.

37 Prof.^a Rosa Pinto de Sousa: «Claro que se houvesse pessoas que pertencessem à Igreja ele dava preferência, mas nunca negou a que uma pessoa que não fosse da Igreja residisse numa casa dele» (*idem*). Joana dos Santos de Pina Cabral, (*op. cit.*, p. 130), cita a opinião do filho de um amigo de Diogo Cassels, o tenente coronel Manuel dos Santos, que foi sempre católico romano: «Se Diogo Cassels pertencesse à Igreja Romana seria canonizado pela bondade. Como pertencia à religião da Humanidade ergueram-lhe os homens uma estátua na Praça Pública, para que se descubram, em sinal de respeito, quantos passarem diante dessa imagem do Homem que mereceu viver para além da própria vida, porque viverá no coração das futuras gerações do povo de Gaia de que me orgulho de ser filho também».

38 Em PEIXOTO, F.: *Diogo Cassels. Uma vida em duas margens*, Porto, FLUP, 1995 (dissertação de mestrado), vol. II, pp. 254-255, são analisados os movimentos de receitas e despesas da Congregação do Torre (São João Evangelista) concluindo-se que desde 1880 até 1992, os saldos foram sempre negativos.

GRÁFICO II
EVOLUÇÃO DOS «BENFEITORES» (1920-1989)



QUADRO VII
DONATIVOS (1899-1923)

Ano	Donativos
1899	404,500 réis
1900	439,500 réis
1901	453,000 réis
1902	463,000 réis
1903	468,000 réis
1094	463,500 réis
1905	487,450 réis
1906	469,215 réis
1907	485,000 réis
1908	484,000 réis
1909	479,750 réis
1910	750,335 réis
1911	1.344,480 réis
1912	1.030,000 réis
1913	1.103,700 réis
1914	1.384,000 réis
1915	1.219\$00
1916	1.420\$60
1917	1.233\$10
1918	1.685\$70
1919	2.783\$90
1920	5.201\$00
1921	7.910\$00
1922	14.080\$00
1923	17.255\$00

Contudo se esta rede (Cf. Anexo I) correspondia também à congregação dos sectores mais apostados na modernização se poderá deduzir que o projecto religioso é fundamentalmente um projecto de criação de novos hábitos e entronca, em termos de racionalidade, na invenção de uma ética económica, que já se encontrava incrustada no *habitus* de muito dos apoiantes da *causa educativa e social de Diogo Cassels*³⁹, esta dimensão poderá,

³⁹ Ver ARAÚJO, H. Gomes de: *Ética, economia e educação. Ensaios sobre o vinho do Porto*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1998, pp. 72-77 e 154 sq.; cf. SILVA, F. Ribeiro da: *Maçons, católicos e autarcas (A Loja «União Portucalense» de Vila Nova de Gaia)*, Vila Nova de Gaia, C. M. V. N. Gaia, 1997.

então, ser uma outra constante da identidade que foi sendo tecida por Diogo Cassels em torna da Escola.

5

As questões que estão implícitas na acção de Diogo Cassels são no essencial de ordem ética, reflectidas numa moral que se integrou numa arte exemplar porque prescreveram coragem e orgulho, mas também porque soube aplicar de forma incontornável a liberdade e a dignidade nas relações com os seus concidadãos.

Apesar de difícil o trajecto da Escola do Torne – enquanto uma das faces de um projecto mais vasto⁴⁰ – representa um momento forte da íntima relação entre religião e educação, ou seja, enquanto possibilidade de sociabilização capaz de, valorizando a associação livre dos indivíduo, erigir uma pedagogia social – e, também, política.

Os complexos jogos locais, onde se entrecruzam estratégias divergentes, podem contudo contribuir para a compreensão do processo de escolarização, na medida que evidenciam o protagonismo dos agentes e os cálculos de racionalidade que se elaboram para a obtenção de um bem com inegáveis repercursões nas trajectórias dos indivíduos.⁴¹

Descer ao micro revela também a dissonância entre as prescrições normativas e os pressupostos cognitivos, mas de forma clara chama a atenção para os mecanismos que estruturam o trabalho de institucionalização bem como o funcionamento das estruturas integrativas.

40 Cf. PEIXOTO, F., *op. cit.*

41 Cf. PEIXOTO, F.: *op. cit.*